



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**JEFERSON ALVES TEIXEIRA**

**(depoimento)**

**2016**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-685

**Entrevistado:** Jeferson Alves Teixeira

**Nascimento:** 02/04/1976

**Local da entrevista:** Castanhal - PA

**Entrevistadora:** Christiane Garcia Macedo

**Data da entrevista:** 06/05/2016

**Transcrição:** William Gomes

**Copidesque:** Suellen dos Santos Ramos

**Pesquisa:** William Gomes

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 32 minutos e 55 segundos

**Páginas Digitadas:** 13 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação acadêmica do entrevistado; Políticas públicas de Esporte e Lazer; Envolvimento com o Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); Projeto piloto de Castanhal; Infraestrutura do programa; Atividades desenvolvidas; Públicos; Desafios e dificuldades no projeto; Formação de agentes sociais; Encerramento do Programa;

Castanhal, 06 de maio de 2016. Entrevista com o professor Jeferson Alves Teixeira, a cargo da pesquisadora Christiane Garcia para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Jeferson inicialmente quero te agradecer por dispor o seu tempo para essa entrevista. Eu queria que você começasse falando da sua formação.

J.T. – Eu sou formado em Ciências Sociais, eu tenho uma especialização em Partidos, Eleições e Democracia, Mestrado na área de Ciências Políticas e hoje eu estou fazendo doutorado na área de Educação e na linha de Política Educacional.

C.M. – E como é que você se envolveu com o PELC<sup>1</sup>?

J.T. – É, na verdade a gente estava forçando relações de Ciências Sociais na universidade, e nós tínhamos uma proximidade junto aqueles que estavam pensando no projeto para o município. Então meu envolvimento se deu muito dessa forma, nossa contribuição também na formulação do projeto para vinda em Castanhal<sup>1</sup>.

C.M. – Você sabe por que o projeto veio para Castanhal?

J.T. – Olha, na verdade, nós tínhamos informações de que era um projeto lançado pelo Ministério do Esporte no governo do PT<sup>2</sup> a partir do ano de 2003 na posse do Lula<sup>3</sup>. Tínhamos uma representante que era a Andrea<sup>2</sup> do Ministério do Esporte, e que pensou esse projeto com o município de Castanhal, município paraense que seria Castanhal. Tivemos muitas dificuldades em relação a questão política para prefeitura, mas o projeto previa também constituições educacionais, e no caso a instituição Universidade Federal do Pará, ela abraçou o projeto e acabou acontecendo em parceria com a Universidade Federal do Pará. O projeto, se eu não me engano, durou 10 meses e foi uma experiência interessante, parece que era um projeto piloto, que envolvia dez cidades. Castanhal era a

---

<sup>1</sup> Projeto Esporte e Lazer na Cidade.

<sup>1</sup> Município do Pará.

<sup>2</sup> Partido dos Trabalhadores.

<sup>3</sup> Luiz Inácio Lula da Silva.

<sup>2</sup> Andrea Nascimento Ewerton.

única que não tinha parceria com o município, mas sim com o campus da Universidade de Castanhal.

C.M. – Você lembra quem te convidou, como foi que você começou o trabalho?

J.T. – Na verdade nós já tínhamos uma atuação, mais um movimento na Universidade Federal e tinha vários atores, dentre os quais na época o professor Rubenixson que era o coordenador, que fez essa ponte, essa conexão. Nós tínhamos essa proximidade com o Rubenixson e com os atores que estavam sendo envolvidos, uma experiência também que... Como o curso de Educação Física estava recém chegando no campus, nós tínhamos uma proximidade muito grande com o curso, mesmo não sendo do curso. A gente acabou também sendo envolvido diretamente, não só na formação, mas depois sendo convidado a fazer parte da coordenação, em virtude da nossa participação também.

C.M. – E quais foram as suas funções no projeto?

J.T. – Na verdade, assim, nossa contribuição foi primeiro na questão da própria formulação do projeto. Estar contribuindo, participando das discussões, das reuniões, enfim. E posteriormente acabamos nos tornando um pólo, que foi o que funcionava dentro da própria universidade mesmo, da própria estrutura do Campus Universitário de Castanhal. Então nessa função, enquanto coordenador, a gente trabalhava em uma equipe de bolsistas e eu creio que era o que tinha maior quantidade de bolsistas, eu creio que eram em torno de vinte ou mais bolsistas que nós trabalhávamos na época.

C.M. – Quando veio a proposta do Ministério, o que era para ser implantado, qual era a proposta do Ministério?

J.T. – Bem, na verdade era para funcionar... Assim, o projeto ele visava criar espaços de esporte e lazer nas varias áreas do município. E estrategicamente, eu falo enquanto pólo, enquanto coordenador de pólo, o campus de Castanhal ele é muito próximo a uma área que na época tinha uma carência enorme ali de políticas públicas mesmo, era um bairro que ainda hoje é assim, onde você tem um índice de violência significativo. E nós percebíamos essa ausência de uma política pública que visava transformar esses espaços, locais. A gente

percebia assim um pouco da ausência desses espaços, que o campus apesar de todas as limitações poderia ser esses espaços. O campus hoje, por sinal, sofreu um processo de transformação significativo, mas que na época nós tínhamos espaços interessantes ali. Não estou dizendo que hoje não tenha, mas para época nós tínhamos espaços muito interessantes onde as atividades poderiam estar ocorrendo e talvez até mesmo assim, a chegada do curso de Educação Física... Acho que está com quatro anos o curso de Educação Física, contribuiu muito nesse sentido, para fazer com que esse processo todo de transformação do campus enquanto área de lazer, enquanto área para práticas esportivas, enfim, ela foi significativa nesse sentido.

C.M. – E qual a estrutura que você dispunha no seu núcleo? De espaço e de equipamentos?

J.T. – Na verdade assim: nós sofremos um pouquinho com esses dois fatores. Primeiro a questão do espaço, é uma instituição educacional, querendo ou não se cria uma expectativa de como deve funcionar essa instituição educacional. De repente você tem pessoas da comunidade que não tem um vínculo institucional, não tem um vínculo orgânico com a instituição ocupando este espaço, isso criou um choque primeiro, e aí como... Onde a gente vai receber essas atividades com essas pessoas? E aí a comunidade acadêmica, professores, alunos, da equipe. E estávamos lidando com muitas crianças, e a gente sabe como é o comportamento de crianças, às vezes elas ocupam determinados espaços que naquele momento não deveriam ser ocupados e isso criou assim uma celeuma na questão de espaço mesmo. Quanto a questão de material, que eu creio que seja mais essa questão de material para realização das atividades, e é como qualquer programa de experiência que está sendo ali implantado, você percebe no início essa ausência de materiais, então nós tínhamos que usar muito a criatividade, de muitas vezes nós doarmos próprios recursos financeiros, para que nós não pudessemos perder um público ali, que ficasse desestimulado pela falta desse material, enfim. Muitos materiais chegaram praticamente na finalização do projeto, então foi um problema seriíssimo que nós encontramos. Algum material a universidade disponibilizou para nós, então facilitou em parte nesse sentido. Mas esse atraso, e os materiais que eram confeccionados, que vinham discretamente de programas, como bolas, constituídas por detentos, atrasavam e muitas vezes ela não tinha uma qualidade que não resistia muito tempo, em função das atividades. Então foi um problema seriíssimo que nós enfrentamos também.

C.M. – Mas vocês tinham um pátio, tinha algum lugar perto...

J.T. – Sim, sim. Nós tínhamos espaços na própria universidade. O que é interessante que esses programas e projetos assim, quando vêm de uma região norte, onde nós temos praticamente período de chuva, período de sol intenso, a gente percebe assim que era necessário ocupar determinados espaços cobertos. Então como o projeto pegou esses dois períodos, a estabilização dele pegou dois períodos, períodos de chuva e períodos de sol intenso, a gente acaba ocupando espaços internos mesmo, seja coberto, descoberto, e dependendo de como estivesse o tempo. E nós ocupamos assim até certo ponto, os próprios espaços institucionais mesmo, e isso acaba resultando em conflitos. Apesar de você ter, muitas vezes, boa vontade da direção, do campus, mas acaba resultando em muito mais conflitos porque muita gente acaba não aceitando a proposta, não reconhecendo a proposta, então a questão do espaço em si, foi um dilema a ser enfrentado.

C.M. – Vocês ficavam perto da onde funciona a faculdade de Educação Física?

J.T. – Não, na verdade a gente trabalhava na questão de espaço coberto porque o campus era muito longe, hoje você tem uma ampliação do campus imensa. Na época nós tínhamos de espaço coberto, praticamente aonde funcionava, onde você tem a vida do ensino mesmo, no espaço onde ocorre, acontece o ensino. Algumas vezes sala de aula, algumas vezes auditório, enfim. Mas porque era a realidade da época, você não tinha os espaços que nós temos no campus hoje. Apesar de que eu não estou a muito tempo estudando no campus, mas a gente percebe essa questão do processo de transformação que ocorreu. Eu saí em 2006, do campus de Castanhal, hoje assim, dez anos depois a gente percebe nessa questão a transformação. Então praticamente, eram os espaços que funcionam as salas de aula.

C.M. – E os espaços abertos?

J.T. – Os espaços abertos, havia um campinho na época, havia uma espécie de pracinha, que acontecia vôlei e outras atividades, enfim. Nós não tínhamos um ginásio que se tem hoje, a piscina que tem hoje, mas como eu disse, havia o campinho, havia outra área ali

que era uma área que ficava entre os espaços de ensino e o campo de futebol, havia outra pracinha que ali nós desenvolvíamos atividades de vôlei, enfim. E os espaços também para atividades mais de cultura, então a gente usava muito da criatividade nessa questão dos espaços também, porque não era fácil. Chegávamos a ter dias assim, que nós tínhamos, sei lá, em torno de cem, cento e vinte crianças, e você ter que gerenciar tudo isso é complicado você tinha que ter espaço para essas pessoas. E como eu disse anteriormente, você acaba criando uma espécie de conflito, porque atrapalhava as salas de aula, atrapalhava a vida acadêmica. Comprometer, atrapalhar não, mas comprometer a vida acadêmica.

C.M. – E em relação as atividades, quais eram as atividades oferecidas?

J.T. – Bom, nós tínhamos atividades de futebol, atividades de vôlei, e assim, dependendo da situação nós colocávamos outros tipos de brincadeiras, como queimada. Havia a questão das pinturas, havia momentos em que nós passávamos vídeos para as crianças, então nós... Havia atividades de criações de peças teatrais. Então, o projeto, ele tinha uma vasta diversidade no que diz respeito a essas atividades, que não eram atividades meramente esportivas em si. Nós sabemos, vinha muita molecada para jogar o futebol, assim como vinha uma molecada para jogar vôlei, mas principalmente, a gente tem que reconhecer o papel dos bolsistas que estavam desenvolvendo as atividades deles, que na época nós tínhamos tanto bolsistas que faziam curso de Pedagogia, curso de Letras, curso de Educação Física, mas nós tínhamos pessoas da comunidade, que de uma forma, ou de outra, estavam inseridos na associação de bairro, em grupos de jovens, que são organizações que tem essas formas de atividade, que são “modus operandi” da própria existência dessas instituições. Então nós tínhamos pessoas envolvidas diretamente na sua comunidade com estes tipos de atividade, e isso fez com que essa criatividade nos espaços que tinha suas limitações para que essas atividades ocorressem, elas pudessem ocorrer envolvidas diversos atores ali, que estavam inseridos nesse processo.

C.M. – Sobre isso, o pessoal da comunidade chegou a assumir as atividades?



J.T. – Olha, não teve, não teve. Nós envolvíamos a comunidade, até mesmo porque assim, se a gente não pensar a lógica, a comunidade UFPA<sup>5</sup>, é uma comunidade a parte da comunidade do bairro, do público do bairro que atendia. Então tinha certa dificuldade, nós tínhamos um pólo dentro do bairro que era coordenado pela professora Eliana<sup>1</sup>, mas o pólo da UFPA que atendia pessoas desse bairro também era muito difícil o envolvimento de lideranças comunitárias, pela questão da distância mesmo, porque muitas vezes a Universidade ela acaba se tornando um mundo a parte, é uma instituição que está em uma determinada comunidade, em determinado bairro, mas muitas vezes cria um mundo invisível que faz com que ela não chegue até a comunidade, e a própria comunidade acabe não chegando a ela. Então nós tivemos essa dificuldade imensa.

C.M. – Vocês tiveram algumas atividades que eram como a capoeira, a dança...

J.T. – Sim, sim. Nós tivemos atividades que as vezes, muitas vezes eram atividades esporádicas, não eram atividades... Já a questão da dança nós tínhamos essa atividade, com maior frequência, tudo mais. Interessante que você colocou, teve uma questão de um envolvimento com essa comunidade que diz respeito a uma atividade de jiu jitsu. Como nós tínhamos bolsistas que participavam do jiu jitsu, o jiu jitsu não estava dentro do programa, dentro do projeto pensado. Mas aí foram criados *momentos* de jiu jitsu, então foi uma experiência muito interessante, porque nós tínhamos dois bolsistas, três bolsistas que participavam, tinham praticado essa modalidade.

C.M. – E sobre o público, vocês atendiam crianças, você falou de crianças, mas tinha adolescentes, adultos...

J.T. – Sim, sim. Nós tínhamos um público acho que na grande maioria crianças, nós tínhamos um público adolescente e também tínhamos público da comunidade, senhoras e tudo mais. A grande questão é justamente isso, se nós pensarmos na distância, não só essa distância imaginária que eu coloquei, mas tem muita distância geográfica, do campus para a comunidade a ser atendida, isso acaba dificultando um pouco desse público, de uma certa idade, um público adulto, chegar até o campus, então você vai percebendo nesse sentido,

---

<sup>5</sup> Universidade Federal do Pará.

<sup>1</sup> Nome sujeito a confirmação.

que a gente constatou muito isso. Então algumas atividades era pra esse público de idade mais avançada, a gente teve uma certa dificuldade pra atender, e a minha hipótese são essas, essa questão é de que um adulto já começa a ter o imaginário vim aqui sem ter espaço, e muitas vezes esse espaço, no entendimento desse adulto não é pra ele, e tem essa questão geográfica também.

C.M. – E tinham mulheres?

J.T. – Sim, sim.

C.M. – Mulheres e homens? Meninas e meninos?

J.T. – Sim, sim. O público era bastante diversificado, a gente pode dizer até que em determinados dias você tinha mais a presença feminina, contando mais as crianças e adolescentes do que o próprio público masculino mesmo. Então eu acho que o programa ele conseguiu atender bem dentro desta perspectiva.

C.M. – As atividades elas eram divididas por faixa etária?

J.T. – Olha, a ideia a principio não era. Mas a gente percebia assim que havia momentos que era discrepante, mas a gente tentava fazer e nós nos preparávamos para isso, havia todo o ponto de preparação, para fazer com que não houvesse, que isso não fosse sentido. Mas às vezes, em virtude do próprio... Da própria demanda, ali a gente percebia que acontecia esses momentos, em que a gente precisava atender um determinado público, de uma certa faixa etária. O que às vezes eu considero mais um pouquinho dessa falta de controle em virtude de um determinado momento estar atendendo uma quantidade enorme de pessoas. Agora, havia atividades que a gente percebia tanto a criança, adolescente, como uma senhora, é envolvendo ali na questão do artesanato, isso que era interessante, que em determinados momentos, em determinadas atividades, você tinha esse envolvimento, nesse sentido.

C.M. – Sobre o artesanato, as crianças também se envolviam nele?

J.T. – Sim, sim. As crianças, algumas crianças.

C.M. – Tanto as senhoras, quanto...

J.T. – Sim, sim.

C.M. – E tinha senhores nessas atividades?

J.T. – Aí a gente já percebe um pouca mais de ausência, de um público masculino, de idade mais avançada, isso foi uma questão que nós percebemos. E vem toda uma questão acho que, uma questão mais da sociologia, vou tentar responder, um questão mais patriarcal, de uma cultura muito patriarcal ainda, viva, o homem como aquele provedor econômico, muitas vezes achar que esse tipo de atividade pode até ser para esposa e naturalmente para os seus filhos, mas para ele não e acaba não se envolvendo neste aspecto.

C.M. – Qual era a sua rotina no projeto, como coordenador lá do núcleo? Tanto diária, quanto semanal. Você tinha alguma atividade na semana que era diferente?

J.T. – Olha, na verdade a gente acaba tendo esse papel mais de orientação dos próprios bolsistas, a gente está fazendo essa ponte diretamente com a instituição ali que está se concluindo o processo. Nós tínhamos que correr atrás muitas vezes com a própria coordenadoria geral no que diz respeito a essa vinda do material, então você acaba tendo outras atribuições que não é só aquela formal, não é só o de coordenador, mas acaba trazendo para si enquanto responsabilidade outras atribuições, porque isso vai fazendo parte do processo. Como eu disse, você tem programas governamentais, projetos governamentais, que para ele se realizar existe inúmeros fatores, para ele se realizar plenamente podemos dizer, e a falta de material acaba sendo um deles. Nós tivemos um processo em que houve atraso de pagamento de bolsistas, e você percebe as pessoas trabalhando ali três meses, quatro meses, sem receber. Então tudo isso que acaba desmotivando e você tem que ser coordenador nesse sentido, que as pessoas estejam motivadas, porque são fatores econômicos, como o campus esta geograficamente distante de muitos bairros e esses bolsistas estão nesses bairros e precisam se deslocar para lá, por mais que fossem bolsista que estudavam na Universidade, mas muitas vezes eles

precisavam voltar para casa para almoçar e depois voltar para o campus, isso envolvia uma logística econômica e o fato de você ter atrasos no pagamento desses bolsistas criava todo um processo assim, muito difícil de nós lidarmos.

C.M. – Você teve antes de entrar no projeto, durante o projeto, alguma formação, algum encontro para discutir os conceitos, a teoria relacionada ao projeto, ou as metodologias do projeto?

J.T. – Sim, nós tivemos toda uma preparação de encontros mesmo, tanto com próprios representantes do Ministério da Educação, como aqueles professores da época da própria universidade, do curso de Educação Física. Então nós tínhamos todo um processo de formação e com o passar do tempo nós mesmos quanto envolvidos no projeto fazíamos o processo dessa formação. Então os coordenadores, muitas vezes não só os coordenadores, mas os próprios bolsistas ficavam a frente destas atividades de formação. Isso foi interessante, geralmente essa nossa formação acontecia no sábado, nós utilizávamos o campus, então nós fazíamos esse processo de forma contínua em que os atores envolvidos diretamente, tanto bolsistas quanto coordenadores, eles estivessem lá participando. E isso era muito legal, porque nós socializávamos determinados problemas porque por nós estarmos em um determinado pólo ali onde funcionava, a gente não sabia muito o que estava acontecendo nos outros pólos e esse momento era interessante porque socializávamos determinados problemas e logicamente experiências elas são muitas vezes diferenciadas e aí você tem a superação de um problema que é socializado e a gente tenta criar um processo ali que a gente pudesse superar o determinado problema que acontecia.

C.M. – Você chegou a ir para alguma formação fora aqui de Castanhal?

J.T. – Eu cheguei a ir a Belém, mas encontros mesmo mais em termos puxados pelo Ministério para sair do estado, nós não tivemos.

C.M. – Como que era a organização? Vocês eram coordenadores de núcleo e tinha uma coordenação geral. Como que era a relação com essa coordenação?

J.T. – A coordenação geral ela geralmente estava sempre indo até os núcleos, onde ocorriam. Então essa coordenação geral, estou colocando coordenação geral local, então ela... Acontece em parceria com a universidade, nós montamos uma espécie de quartel general dentro da própria universidade, então todo o material de coordenação estava na nossa cidade, então querendo ou não, essa figura da coordenação geral local estava presente mais dentro do campus, mas ela sempre ia nos outros pólos e tudo mais. Então nós tivemos essas experiências como algo, para também dar dinamicidade ao projeto.

C.M. – Além das atividades programadas durante a semana rotineiramente, você falou que tinham algumas atividades que aconteciam de formas pontuais. Quais eram essas atividades? E como que aconteciam?

J.T. – Geralmente a gente marcava entre todos os bolsistas, com todos os bolsistas em um determinado bairro, por exemplo. Então nós chegávamos lá para uma atividade. Em determinado bairro nós vamos procurar tal liderança comunitária, essa liderança comunitária é responsável por fazer essa divulgação e arrumar o espaço para nós. Nós chegávamos lá obviamente, explicando o que era o projeto e tudo mais. Então nesse dia a gente fazia uma espécie de rua de lazer, uma manhã de lazer nesse bairro. Mas já fizemos na Praça da Estrela que na época era o ponto de referência, ponto de encontro aqui também, então nós sempre dávamos um jeito de fazer a propaganda, passava carro de som. Muitas vezes nós distribuímos panfletos. Mas o que era fundamental, que quando acontecia em um bairro, nós procurávamos essa liderança local, e essa liderança local muitas vezes tinha esse papel mobilizador, de estar divulgando e tudo mais. Foram muitos bairros que o projeto não aconteceu de forma orgânica, mas que em determinados momentos estivemos lá, inclusive nas agrovilas de Castanhal, nós tivemos experiências nas agrovilas, que seriam comunidades rurais. Castanhal é cercada por comunidades rurais, então você tem agrovilas em Castanhal, que tinha ali a associação comunitária, eles têm a pracinha, vocês têm a quadra de esportes, centro comunitário, então você tinha essas experiências, que era interessante isso. Então nós realizamos essas atividades lá e procurávamos envolver o público ali.

C.M. – Qual que você acha que era o sentido do PELC para comunidade que recebia o programa?

J.T. – Olha, como eu disse, Castanhal na época ainda era muito carente desses espaços de esporte e lazer. Nós tínhamos o ginásio central, que muitas vezes cobrava o ingresso, a hora, para as pessoas jogarem futsal, vôlei, handebol, basquete. Então havia uma cobrança, era um período assim que esses espaços eles tinham esse caráter muito privativo, privado, onde para você ocupar você tinha que pagar. E ao mesmo tempo esses campos de futebol com esse processo de urbanização ele acabava desaparecendo. Eu creio que com o Projeto Esporte e Lazer a gente começa a dar um sentido muito interessante de que em determinados espaços podem ocorrer esses tipos de atividades e que muitas vezes não tem um histórico dessas atividades se realizarem. Então eu creio que esse foi um passo importantíssimo e acho foi um legado interessante do Projeto Esporte e Lazer na Cidade, porque por mais que fosse uma política pública que fazia momentos pontuais nessas comunidades que muitas vezes nós visitávamos, mas é saber que criávamos esses espaços e que havia uma carência significativa sabe? Então eu creio que o Projeto Esporte e Lazer na Cidade ficou com esse legado. Quando você envolve principalmente os atores da Educação Física, que tem uma abordagem teórica muito mais qualificada nesse sentido, você se depara com uma realidade e muitas vezes é experiência que nós vivenciamos de ter um olhar mais crítico justamente sobre esses espaços que não existiam nas cidades e que a gente ainda encontra essa dificuldade, passados dez anos a gente ainda encontra dificuldade em perceber esses espaços dentro do município de Castanhal.

C.M. – Você acompanhou o projeto até o fim?

J.T. – Sim. Ficamos até o final do projeto, até os últimos meses do projeto nós ficamos envolvido com o projeto.

C.M. – E como foi o fim? Como que vocês receberam que não ia ser renovado, que o projeto não iria continuar?

J.T. – Nós tínhamos ciência de que era um processo difícil em virtude de que... Aí eu coloco a questão da própria Universidade Federal do Pará, ela se limitar em dar continuidade ao projeto, eu acho que ela se eximiu nesse sentido. Mas, assim, é uma experiência interessante que deveria ter se dado continuidade, logicamente que deveriam se

envolver outros atores, eu creio que o poder público municipal seria um ator fundamental ali nesse sentido, juntamente com a universidade, mas logicamente a gente vai percebendo as dificuldades que se tem no programa e que você vai reconhecendo o processo de dificuldades que teria para se renovar.

C.M. – Professor tem mais alguma coisa que você quer deixar registrado? Sobre a sua experiência no PELC.

J.T. – Eu creio assim, eu acho que para a instituição Universidade Federal do Pará, do próprio município, eu creio que para cada um dos bolsistas, dos coordenadores que estiveram envolvidos, acho que para o público participante também. Foram experiências inclusivas no que diz respeito ao acesso a determinadas políticas públicas. Interessante que quando nós estávamos praticamente encerrando o projeto chegaram muitas coisas, que a gente ficou assim... Poxa, se tivesse chegado seis, sete, oito meses atrás, seria interessante. Mas eu creio que essa experiência de nós fazermos uma abordagem que com todos os seus limites não deixou de ser inovadora no que tange esse acesso as políticas de esporte e lazer do município de Castanhal, acho que isso deve ser considerado. Logicamente que nós tivemos todo um processo, todo o contexto de dificuldades, como eu falei para você que passa pela questão da infraestrutura, passa pela questão do material, passa pela questão do público, passa por essa questão de nós vivermos em uma região em que mais do que nunca você precisa ter espaços cobertos, muitas vezes a gente tem dificuldade de água, então os bolsista encherem garrafas de água, colocarem para gelar, para levar onde acontecia a atividade para a gente poder dar água a esse publico. São experiências interessantes mas que demonstram para gente o quanto fazer uma política pública de esporte e lazer envolve fatores diversos, para que ela possa correr plenamente, não fique simplesmente uma política ali, em que ela é temporal, em que ela simplesmente pensa em uma questão de quantidade de participante, enfim, é necessário que a gente possa pensar nessas políticas públicas principalmente na área do esporte e lazer que querendo ou não, acaba fazendo que essa comunidade tenha oportunidades que não é simplesmente a convivência com a violência, a convivência com a falta de políticas públicas ali, eu acredito que isso seja fundamental. Essa experiência de esporte e lazer apesar desses pontos que nós colocamos enquanto negativos, e eu acho que isso deve ser pautado também, a gente tem que reconhecer que existem pontos positivos, a chegada dessas políticas públicas a

comunidades que nunca tiveram essa experiência eu acho que é um fator extremamente a ser destacado.

C.M. – Professor, muitíssimo obrigado.

J.T. – Obrigado a você.

[FINAL DA ENTREVISTA]